

**A POESIA DE DEUSES E DE HOMENS:
A METALINGUAGEM EM DORA FERREIRA DA SILVA**

Elisandra Beatriz de Faria¹

RESUMO: Dora Ferreira da Silva, poeta paulista, é majestosa em sua obra. De 1940 a 2004 várias foram suas publicações, sendo ainda publicadas três obras póstumas. Dentre essas últimas está *Transpoemas*, elencada como corpus principal para a pesquisa a ser desenvolvida. Em um primeiro momento, analisar-se-á os aspectos formais e as imagens que a poeta utiliza. Na vertente da metalinguagem, ainda serão elencados uma plêiade de poemas que tratam do fazer poético, ora como construção, onde analisamos o trabalho consciente com a palavra, ora como inspiração. Por fim, a pesquisa culminará na relação do mito de Orfeu e os meta poemas “Orfeu” e “Órfica”, também associados à marca da poeta, qual seja, a poesia transcendente, com forte marca grega e os recorrentes elementos da natureza, procedimentos que levam o leitor a construir inúmeras leituras acerca do fazer poético. A base teórica desse trabalho está na mitocrítica, de Gilbert Durand, sendo também consultadas as teorias relacionadas, bem como a crítica voltada às obras da autora. As análises também serão feitas buscando um âmbito filosófico e chegando, por fim, à fenomenologia da imaginação, onde será estudado o fenômeno da imagem poética.

PALAVRAS-CHAVE: Metalinguagem, Imaginário, Símbolos, Imagens.

A preocupação dos poetas em refletir sobre o processo de criação literária é algo que permeia a literatura. Com Dora Ferreira da Silva não foi diferente. A grande poeta nascida em Conchas, SP, em 1º de Julho de 1918 e falecida em 06 de Abril de 2006, em São Paulo, aos 87 anos, transitou entre sua vasta produção sempre abordando sobre o fazer poético. As indagações são frequentes, tecendo-se um diálogo com o poema, imbuídos de símbolos, imagens, mitos, explorações alegóricas que conferem ao poema uma atmosfera divina e, ao poeta, um instrumento para que a poesia se realize. Para exemplificar essa relação entre a criação poética e o sagrado, transcendental, bem como do poeta como canal movido pela inspiração, podemos citar os seguintes versos: “De onde vens, quem sabe, quem te sopra ao meu ouvido? (...)” (SILVA, 2009, *Transpoema*); “Poema pássaro predileto/Pousas no poeta/Dele te alimentas (som silêncio) e quando te ausentas o nutres/de ausência (...)” (SILVA, 2009, Canto I); “Gravamos nas folhas (como insetos)/signos arbitrários/ futuros dicionários/ para

¹ Universidade Federal de Uberlândia
Mestranda em Estudos Literários
Orientadora: Profª. Dr. Enivalda Freitas Nunes e Souza
Email: bianchiniuntaler@yahoo.com.br

aprendizes de símbolos. (SILVA, 1979, p.05)

Como colocado por Donizete Galvão, Dora mostra o poema como um vaso comunicante por onde o poema se transporta (GALVÃO, Poema feito no silêncio. In: SILVA, 2009). E nessa perspectiva metalinguística, surgem inúmeros poemas que despertam o desejo de investigação sob a luz da Teoria do Imaginário.

No entanto, antes de desfiarmos o fio condutor a que se pretende este artigo, é preciso destacar, de forma resumida, algumas informações sobre Dora Ferreira da Silva. Por Carlos Drummond de Andrade, ela recebeu o cognome de Dora Poesia. Alcinha mais que merecida, pois sua obra, além de vasta, foi intensa, carregada de luz e vida. Como bem disse Ivan Junqueira: “Dora Ferreira da Silva se debruçou sobre a coisa em si da palavra e da expressão poética, de modo que sua linguagem está de tal modo aderida à emoção e ao pensamento que nela se torna impossível vislumbrar quaisquer suturas operacionais.” (JUNQUEIRA, 2003, VIII).

A paulista Dora Ferreira da Silva (1918-2006) iniciou sua trajetória poética na década de 1940, mas só começou a publicar nos anos 70. Seu primeiro livro, *Andanças* (Prêmio Jabuti, 1970), reúne poemas de 1948 a 1970, e é logo seguido de *Uma via de ver as coisas* (1973); *Menina seu mundo* (1976); *Jardins/Esconderijos* (1979); *Talhamar* (1982); Menção Honrosa do Pen Centre); *Retratos da origem* (1988); *Poemas da estrangeira* (1995); Prêmio Jabuti, 1996). Estes sete volumes foram compilados, em 1999, na obra *Poesia Reunida* (Prêmio ABL de Poesia, 2000), à qual a poeta acrescentou os inéditos: *Poemas em Fuga* (datados de 1997). À Poesia Reunida vieram somar-se *Cartografia do Imaginário* (2003) e *Hídrias* (2004). Após a morte da artista, vieram a público: *O leque* (2007), *Appassionata* (2008) e *Transpoemas* (2009). Além de poeta, Dora foi ensaísta, editora da revista *Cavalo azul* (anos 70) e tradutora. São célebres suas traduções das Elegias de Duíno, de Rilke, e dos poemas que acompanham a *Estrutura da lírica moderna*, de Hugo Friedrich, além de ter vertido para vernáculo poemas de San Juan de la Cruz, Angelus Silesius, T. S. Eliot ou D. H. Laurence, bem como parte considerável da obra de Carl Gustav Jung, psiquiatra suíço que exerceu bastante influência na poesia de Dora Ferreira da Silva, considerando que os conceitos de arquétipos, desenvolvidos por Jung em sua teoria do inconsciente coletivo, foram vislumbrados nas produções da referida autora.

Publicada, a obra de Dora Ferreira da Silva desde o princípio chamou a atenção de colegas como: José Paulo Paes, Ivan Junqueira, Cassiano Ricardo, Carlos Drummond de Andrade; de críticos como: Euryalo Cannabrava, Nogueira Moutinho, José Augusto Seabra, Constança Marcondes Cesar; e do filósofo tcheco Vilém Flusser, que viveu no Brasil e conviveu com Dora, sendo ela tradutora de alguns poemas dele para o alemão. Flusser dedicou a ela estudos onde acentua a importância do símbolo e do sagrado em sua poesia, chegando a afirmar que os poemas de Dora são preces que conectam, simbolicamente, o eu-lírico ao transcendente e ao atemporal, e não às coisas ou aos objetos do mundo.

É em meio a esse universo poético, denso e suave, ainda pouco conhecido nos meios acadêmicos, que jaz uma faceta que merece ser estudada: os meta-poemas.

(...) Meta-poemas, no sentido de serem poemas sobre o Poema. São práxis de determinadas teorias da poesia, desde que se entenda por isto não a aplicação deliberada de uma teoria poética ao fazer-se poesia

(coisa que caracteriza muitos para-poetas, quase-poetas e literatos que se tornam poetas), mas articulação poética de teorias cuja validade é vivenciada visceralmente (e não apenas esposada intelectualmente) no ato de fazer poesia (FLUSSER, 1999, p. 417)

Nesta veia da metalinguagem, será objeto principal de investigação a obra *Transpoemas*, por tratar-se integralmente de poemas metalinguísticos. Escrita entre 2005 e 2006, os poemas foram organizados por Inês Ferreira da Silva Bianchi (filha da poeta), Rodrigo Petrônio e Donizete Galvão, sendo para eles o livro de maior mistério.

(...) Os poemas estavam em um caderno, passado a limpo.
Lemos vários versos e ajustes de um mesmo texto, mas
Sempre havia uma versão no caderno, sem retoques, que
Julgamos ser a considerada definitiva por Dora
(GALVÃO, 2009)

O próprio nome do livro já merece uma atenção especial, pois desperta uma série de indagações. “Trans” pode ser explorado de variadas formas, conferindo um desafio ao leitor. Paralelamente à ideia dos poemas transitando entre si: metalinguagem, fazemos uma ligação instantânea com o transcendente; a palavra vem antes de tudo, como dádiva, sendo o poeta meio, canal “hídrico” por onde o poema-inspiração é jorrado. Na ideia do transcendente e buscando no âmbito filosófico, chegaríamos à fenomenologia da imaginação, onde se estuda o fenômeno da imagem poética quando a imagem emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado em sua atualidade (BACHELARD, 1998, p.2). Assim se dá com os poemas de Dora. Por meio da simplicidade, as imagens carregam força e leveza. Um paradoxo que nos instiga, especificamente nos poemas metalinguísticos, a estudar também sobre a maneira de se construir (e indagar) a criação dos meta-poemas, vincando que

Em sua simplicidade, a imagem não tem necessidade de um saber. Ela é a dádiva de uma consciência ingênua. Em sua expressão, é uma linguagem criança. Para bem exemplificar o que pode ser uma fenomenologia da imagem, para especificar que a imagem vem antes do pensamento, seria necessário dizer que a poesia é, mais que uma fenomenologia do espírito, uma fenomenologia da alma.
(BACHELARD, 1998, p. 04)

Em *Transpoemas*, encontraremos um compilado de poemas cuja matéria prima é o próprio poema, no entanto, envolto de mistério, de associações com a essência da vida: música, natureza, simplicidade, profundidade, inspiração, perplexidade diante da dádiva do receber o poema. Nuances que remetem o poeta e o poema à peças que se encaixam e que formam a Vida.

“Não dizer teu nome
apenas indicar-te
partitura aberta.
Empresta-nos um corpo.
Alma atenta
o esculpirá
Então
seremos Vida.”
(SILVA: 2009, X)

Seguindo essa linha de raciocínio e diante da notoriedade das obras de Dora Ferreira da Silva, em relação ao fazer poético, bem como ao papel desempenhado pelo poeta, fazer-se-á a pesquisa também de outros poemas metalingüísticos da autora, a serem selecionados no transcorrer do trabalho que está sendo proposto. Se a obra base para este estudo, *Transpoemas*, já traz em si o veio de migrar, visitar outros meta-poemas nas obras de Dora Ferreira da Silva se torna especial, quiçá instigador, ressaltando que buscar-se-á analisar as inúmeras imagens e símbolos detentores de tanta intensidade e sutileza.

Por fim, toda a pesquisa proposta segue o fluxo que deverá desaguar no estudo de dois meta-poemas: Orfeu, contido na obra *Uma via de ver as coisas*, 1973 e “Órfica”, poema envolto de mistério o qual transita entre as obras da autora: *Uma via de ver as coisas*, 1973; *Poemas da Estrangeira*, 1995 e *Hídrias*, 2004. Assinalo que esses dois poemas são fundamentais para compreender o processo metalingüístico de Dora Ferreira da Silva. Tal análise se ampara na importância do Mito de Orfeu para situar a linguagem mítica da poesia, bem como para sinalizar a presença da cultura helênica dentro das obras de Dora Ferreira da Silva, destacando sua afinidade e seu poder criativo que reatualiza mitos, imagens e símbolos a cada retomada.

Sobre a palavra poética e sua relação com o sagrado, Octavio Paz esclarece em *Os filhos do barro*:

A palavra poética é mediação entre o sagrado e os homens e, assim, é o verdadeiro fundamento da comunidade. Poesia e história, linguagem e sociedade, a poesia como ponto de intersecção entre o poder divino e a liberdade humana, o poeta como guardião da palavra que nos preserva do caos original (PAZ, 1984, p. 62).

A poesia, ligada às origens míticas da linguagem, conserva seu poder de criar o mundo, conforme teoriza Cassirer:

Em todos os tipos e formas da poesia, a lírica é aquela que mais claramente reflete este desenvolvimento ideacional, pois a lírica não somente se arraiga, desde seus começos, em determinados motivos mítico-mágicos, como mantém sua conexão com o mito, até em suas produções mais altas e puras. Os maiores poetas verdadeiramente líricos, por exemplo Hölderlin ou Keats, são homens nos quais a visão mítica se desdobra novamente em toda a sua intensidade e em todo o seu poder objetivante. (CASSIRER, 1992, p.115)

Suscitar o Mito de Orfeu e tecer um paralelo entre os meta-poemas propostos nos levará a vislumbrar mais uma faceta dentro deste universo de mistério e sagrado das produções de Dora Ferreira da Silva. Como bem pondera, Souza:

(...) há poemas que indicam caminhos da conceituação de poesia órfica a partir da consideração de poemas como “Orfeu”, “Órfica”, “Canto Órfico”, pelo viés mítico que resgata Orfeu e seu canto criativo eivado de mistério de vida, alçando o poema para além dos tempos, para a gênese das Origens, quando poesia e vida se confundem em rito celebratório. (SOUZA: 2011, p.185)

Mais uma vez, os mitos e símbolos são repaginados conferindo uma dimensão que extrapola a simples aparência das coisas e dos seres. O transcende, cantado no

poema inspirado, os deuses, a forte marca grega e os recorrentes elementos da natureza trazem, em sua essência, a bagagem que enriquece o leitor, levando-o a inúmeras leituras acerca do fazer poético, suscitando também uma outra vertente: a do trabalho consciente com a palavra; a luta do poeta com o poema, contrapondo-se, desta forma, a poesia somente inspiração. Colheu a flor – o Poema - /arrancou-o à resina da vida/ e entre as páginas prendeu-o/debatendo-se, vivo. (SILVA, 1999, p. 93); Não me destruas Poema/ enquanto ergo/ a estrutura do teu corpo (...) (SILVA, 1999, p. 306).

São essas possíveis leituras, associadas à mitologia grega que merecem ser evidenciadas.

É imprescindível destacar que a metodologia desta pesquisa se fundamenta na mitocrítica, desenvolvida por Gilbert Durand, a qual versa na análise e interpretação de procedimentos simbólicos e míticos da criação literária. Como suporte, utilizar-se-á uma vasta bibliografia, podendo a mesma vir a ser ampliada, de acordo com a necessidade, e que pode ser consultada ao final deste artigo.

Inicialmente, será estudada a bibliografia citada, no intuito de esmiuçar a questão dos símbolos, imagens e mitos e a relação destes com o vasto universo meta-poético, em *Transpoemas*, obra de Dora Ferreira da Silva. Também será consultada a fortuna crítica da autora, considerando que tal pesquisa fornecerá subsídios para a escrita do texto dissertativo.

Tais procedimentos se darão também num segundo momento, em que pretende-se selecionar outros meta-poemas da autora, analisando-os à luz das teorias relacionadas.

Por fim, será feita a relação de dois meta-poemas da autora: “Orfeu” e “Órfica”, com o Mito de Orfeu, buscando, para tanto, desvendar as relações tecidas entre o fazer poético e a função do poeta dentro da casa que é a Poesia.

Nesse sentido, a poesia não se dá somente pela vertente da inspiração. O poeta é também obreiro da palavra. Com ela, ele trava luta, esmerilando a forma para o melhor resultado poético. É a evidência da poesia aparecendo como construção. Ao tomarmos os poemas “Orfeu” e “Canto Órfico” nos deparamos com o mito de Orfeu ancorado às imagens de morte, perda, ausência, carência, angústia, desarmonia. Orfeu é o protótipo do poeta lírico, que circula entre o mundo dos vivos e dos mortos, em busca da alma da poesia, personificada, no mito, como Eurídice. É a força da metapoesia que traz o poeta que busca dentro de si, nas profundezas, a inspiração e tenta trazê-la à luz pelo incessante trabalho com as palavras.

É percorrendo essa linha de raciocínio e ancorando-se na teoria do imaginário que esta pesquisa se fundamentará.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Nova Cultural, 1998.

CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

FLUSSER, Vilém. Nascimento do poema. In: SILVA, Dora Ferreira da. In: *Poesia Reunida*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

GALVÃO, Donizete. Poema feito no silêncio. In: *Transpoemas*, SILVA, Dora Ferreira da, Instituto Moreira Sales, 2009.

JUNQUEIRA, Ivan. "Pensamento e emoção". In: SILVA, Dora Ferreira da. *Cartografia do imaginário*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2003.

PAZ, Octavio. *Os filhos do barro: do Romantismo à vanguarda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SILVA, Dora Ferreira da. *Jardins*. São Paulo: Cupulo, 1979.

_____. *Poesia Reunida*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

_____. *Transpoemas*. São Paulo: Instituto Moreira Sale, 2009.

SOUZA, Enivalda Nunes Freitas. A poesia do *Illu Tempus*: introdução aos arquétipos de Dora Ferreira da Silva. In: Solange Fiuza Cardoso Yokozawa e Antônio Donizete Pires (Org.). *O legado moderno e a (dis)solução contemporânea (Esudos de Poesia)*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.